

**ESTUDO COMPARATIVO SINCRÔNICO ENTRE O PARINTINTIN
(TENHARIM) E O URU-EU-UAU-UAU (AMONDAVA):
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA REVISÃO NA CLASSIFICAÇÃO
DAS LÍNGUAS TUPI-KAWAHIB¹**

Wany Bernardete de Araujo SAMPAIO

RESUMO *O texto apresenta um estudo comparativo preliminar, sob o ponto de vista sincrônico, entre as línguas Tupi-Kawahib: Parintintin (Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (Amondava). O Parintintin (Tenharim) é falado por cerca de duzentos e oitenta indígenas, localizados na região sul do estado do Amazonas. O Uru-eu-uau-uau possui cerca de 129 falantes distribuídos em cinco sub-grupos, na região central do estado de Rondônia, entre os quais figura o subgrupo Amondava. O trabalho divide-se em três partes: a primeira desenvolve uma análise comparativa entre a fonologia Parintintin (Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (Amondava); a segunda mostra um estudo comparativo lexical entre as línguas em questão. Procuramos, através deste estudo, verificar se o Uru-eu-uau-uau (Amondava) e o Parintintin (Tenharim) são línguas diferentes entre si ou se são variedades de uma única língua. Com isto, esperamos contribuir para com os estudos comparativos entre as línguas da família Tupi-Guarani, bem como para com uma revisão na classificação das línguas do grupo Tupi-Kawahib.*

ABSTRACT *This paper presents a comparative synchronal study between Tupi-Kawahib languages: Parintintin (Tenharim) and Uru-eu-uau-uau (Amondava). Parintintin (Tenharim) language is used by almost 280 speakers, in the south of Amazonas. Uru-eu-uau-uau (Amondava) is spoken by about 129 indians, in the central area of Rondônia.*

This work has two parts: the first presents a preliminary comparison between Tupi-Kawahib languages at the phonologyc level. The second one shows a lexical comparison. This work shows us that Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau and Amondava are just dialectal varieties of one single language: the Kawahib.

Este trabalho propõe um estudo comparativo sincrônico preliminar entre línguas do grupo Tupi-Kawahib, família Tupi-Guarani, tronco Tupi: Parintintin (falada pelos

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, com o mesmo título, apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, em 05 de fevereiro de 1998, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin.

Parintintin e Tenharim) e Uru-eu-uau-uau (falada pelos Uru-eu-uau-uau e Amondava), objetivando verificar se estas são mesmo línguas diferentes entre si ou se constituem apenas variedades de uma única língua. Além disso, esperamos contribuir para com os estudos comparativos-descritivos acerca do Parintintin e o Uru-eu-uau-uau, bem como para uma revisão na classificação interna das línguas Tupi-Kawahib.

Os **Parintintin** habitam ao sul do Amazonas, em aldeias localizadas às margens direitas dos rios Madeira e Maici e ao norte da Transamazônica. Foram contactados em 1922, por Nimuendaju. A população é de cerca de 150 indígenas. Os **Tenharim** foram contactados no início dos anos setentas, pela FUNAI, no curso superior do rio Marmelos. Há um outro grupo Tenharim às margens do Igarapé Preto, cerca de 40 quilômetros a leste da aldeia Marmelos. Os Tenharim são considerados como um subgrupo Parintintin. A população é de cerca de 130 indígenas. Os **Uru-eu-uau-uau** foram contactados em 1981, pela FUNAI. Constituem quatro pequenos grupos locais e a população total é de 62 índios. Habitam a área indígena Uru-eu-uau-uau, na região central do estado de Rondônia. Os **Amondava** foram contactados em 1986. São considerados pela FUNAI como um subgrupo Uru-eu-uau-uau. Habitam a zona leste da área indígena Uru-eu-uau-uau, no posto indígena Trincheira. A população atual é de 76 índios.

Os Uru-eu-uau-uau e Amondava são, então, índios Tupi, aparentados dos Parintintin e Tenharim, os quais, segundo Menendez (1984: cf. Mancin, 1984: 02), se denominam, respectivamente, Kawahiva e Kawahib. Referências lingüísticas dos Kawahib são citadas por Curt Nimuendaju (1948: cf. Mancin, 1984: 23), que define a língua como sendo “puro Tupi”. Outras informações sobre tais grupos Tupi-Kawahib podem ser encontradas nos relatórios das missões dirigidas por Rondon.

Lévi-Strauss, referindo-se a Curt Nimuendaju, registra:

“O termo Cavaíba invoca o nome de uma antiga tribo Tupi, os Cabaíbas, que muitas vezes citara nos documentos dos séculos XVIII e XIX e localizada, nesta altura, no curso superior e médio do Tapajós. Parece que terá sido daí expulsa progressivamente por uma outra tribo Tupi, os Mundurucu, e que ao deslocar-se para oeste se tenha fragmentado em vários grupos dos quais os únicos conhecidos são os Parintintin, do curso inferior do rio Machado, e os Tupi-Cavaíbas, mais ao sul”. (Lévi-Strauss, 1955: 319)

Lévi-Strauss, em outubro de 1938, ao chegar a Pimenta Bueno - RO, teve notícias de um grupo Tupi-Cavaíba desconhecido, com o qual conviveu até novembro do mesmo ano.

A hipótese de que muitos grupos Tupi-Kawahib teriam se deslocado do Tapajós para o Madeira (como é o caso dos Parintintin) e outros afluentes do rio Ji-Paraná é formulada por Meirelles (1984: cf. Mancin, 1984: 03). Segundo a autora, à medida em que as sociedades indígenas foram posteriormente sendo conhecidas, a área revelou ser um verdadeiro conglomerado de povos Tupi, a tal ponto de o lingüista Aryon Dall’Igna Rodrigues sugerir que o centro de difusão Proto-Tupi deve ser procurado nesta região.

Segundo Cardoso (1989: 06), os Uru-eu-uau-uau são classificados lingüísticamente como um grupo Tupi-Kawahib e “*a extrema facilidade com que se comunicam com índios Parintintin e Tenharim não deixa dúvidas de que as diferenças existentes são apenas de ordem dialetal*”.

Parece-nos estar diante de um grande grupo que se fragmentou ao longo do tempo. Porém, os Parintintin, os Tenharim, os Uru-eu-uau-uau e Amondava se reconhecem e se identificam como povos diferentes entre si. Admitem a intercompreensão lingüística, mas afirmam *falarem diferente* uns dos outros. Por este motivo e também pelo fato de que Uru-eu-uau-uau e Parintintin são classificadas como línguas diferentes entre si (cf. Rodrigues 1986: 39), resolvemos aprofundar-nos na questão: serão estas línguas diferentes entre si ou não?

Estaremos, de fato, diante de uma língua, de duas línguas ou de variedades lingüísticas? Isto nos conduz a uma outra questão: o que faz um povo assumir a língua como elemento de sua identidade étnica? Se buscamos resposta através da Lingüística, necessariamente devemos voltar para um problema ainda não inteiramente resolvido conceitualmente: o que dá a uma língua o *status* de língua? Qual a diferença entre língua e dialeto? A situação paradoxal que envolve a problemática língua *versus* identidade étnica talvez não possa ser respondida com base em critérios puramente lingüísticos, mas com o auxílio de critérios históricos e sócio-políticos. No entanto, não entramos no mérito de tais critérios; nosso trabalho apoiou-se apenas em aspectos lingüísticos, em campos bem delimitados.

Supondo que Parintintin e Uru-eu-uau-uau sejam variedades de uma única língua é que nos dispusemos, então, a desenvolver este estudo preliminar, em princípio apenas para verificar qual o grau de semelhanças e diferenças que tais variedades apresentam entre si nos níveis fonológico e lexical. Para tanto, fizemos uma revisão da descrição fonológica do Parintintin (entenda-se Parintintin/Tenharim) proposta por Betts e Pease (1971) e apresentamos uma proposta de descrição fonológica para o Uru-eu-uau-uau (entenda-se Uru-eu-uau-uau/Amondava). Em seguida comparamos os sistemas fonológicos Parintintin e Uru-eu-uau-uau. Um outro procedimento foi a comparação de uma pequena lista de palavras, a fim de verificarmos o grau de semelhança lexical entre as supostas variedades lingüísticas.

Para desenvolvermos este estudo, nossa pesquisa se pautou em trabalho de campo e material bibliográfico. O trabalho de campo iniciou-se em setembro de 1994, quando fizemos uma viagem de dez dias à aldeia Amondava e realizamos sessões de elicitación e gravação com os informantes Arikã e Vaepá. Em maio de 1995, durante uma semana, realizamos sessões de elicitación e gravação da lista de Swadesh (100 palavras) com os informantes Kwará Tenharim e Yvurapari Parintintin, na Casa do Índio, em Porto Velho. Em junho de 1995, durante uma semana, trabalhamos com os informantes Arikã Amondava, Puruen e Puruá Uru-eu-uau-uau, em Porto Velho. Em dezembro de 1996, estivemos por mais dez dias na aldeia Amondava. Nesta oportunidade, aproveitamos também para gravar histórias contadas pelo cacique Tari e pelo jovem Tangip Amondava a respeito de seu povo, costumes, o contato com o não-índio, as desavenças com os Uru-eu-uau-uau, entre outras. Em janeiro de 1997, visitamos as quatro aldeias Uru-eu-uau-uau, com uma média de três dias em cada uma delas. Tivemos,

oportunidade, então, de ouvir narrativas do informante Arikan Uru-eu-uau-uau, da aldeia Comandante Ari, bem como da jovem Mandé Uru-eu-uau-uau, da aldeia Alto Jamari. Foi-nos, ainda, fornecida uma fita cassete (60 minutos) com dados Amondava coletados por Emília Altini, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) de Porto Velho, gravada em 1992, com o informante Uká, na aldeia Amondava.

Utilizamos, ainda, material bibliográfico disponível acerca do Uru-eu-uau-uau: formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, do Museu Nacional - coletado por Betts e Pease, em agosto de 1991. Deste trabalho, as autoras produziram *'Comments on Uru-eu-uau-uau'* (1991) em que tratam Uru-eu-uau-uau e Amondava como dialetos do grupo linguístico Tupi-Kagwahib (família Tupi-Guarani), traçando uma ligeira comparação com os dialetos Parintintin e Tenharim. Além destes, servimo-nos ainda de todo o material linguístico acerca do Parintintin (Tenharim) produzido por Betts e Pease tais como: descrição fonológica, dicionário, cartilhas e textos.

Assim desenvolvemos nossa análise, cujos resultados ora apresentamos. Primeiramente tecemos algumas considerações sobre os resultados da comparação dos sistemas fonológicos; em seguida, expomos os resultados da comparação lexical, considerando as correspondências fonéticas e as fonêmicas entre o Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondava.

1. COMPARANDO OS SISTEMAS FONOLÓGICOS DO PARINTINTIN E DO URU-EU-UAU-UAU

Analisados os sistemas fonológicos do Parintintin e do Uru-eu-uau-uau, com base num *corpus* de 460 vocábulos, constatamos que não há diferenças entre eles. Temos um sistema vocálico constituído de doze fonemas, distintos pela qualidade da vogal (oral ou nasal), pela posição (anterior, central, posterior) e altura (alta, média, baixa) da língua. Quanto aos sistemas consonantais, o que parece ser uma diferença repousa não na língua em si, mas na realização fonética de alguns segmentos. Nos quadros a seguir, poderemos observar tais diferenças:

3.1. Série dos oclusivos

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
/p/ → [p]	/p/ → [p]
/t/ → [tʃ] / __ i /	/t/ → [t]
/tʃ/ → [tʃ]	/tʃ/ → [tʃ]
/k/ → [k] ~ [kʲ] / i __ /	/k/ → [k] ~ [kʲ] / i __
/kʷ/ → [kʷ]	/kʷ/ → [kʷ]
/ʔ/ → [ʔ]	/ʔ/ → [ʔ]

De acordo com o quadro, pode-se constatar que há uma pequena diferença nas realizações fonéticas dos oclusivos / t / e / k /: no Uru-eu-uau-uau o fonema / t / realiza-se como africado [tʃ] antes de [i]; o fonema / k /, pode realizar-se como [k] ou [g] em contexto inicial ou medial, quando seguido de [a].

3.2. Série dos nasais

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
/ m / → [m] / # _ V [b] ~ [mb] ~ [m] / # _ V / [m] / V _ V [mb] / V _ V / [m] ~ [bm] / _ # /	/ m / _ [m] / # _ V [m] ~ [mb] / # _ V [m] / V _ V [mb] / V _ V /
/ n / → [n] / # _ V [n] ~ [ⁿ d] ~ [n] / # _ V [n] / V _ V [ⁿ d] / V _ V [n] ~ [d ⁿ] / _ #	/ n / → [n] / # _ V [n] ~ [ⁿ d] / # _ V [n] / V _ V [ⁿ d] / V _ V
/ ɲ / → [dʒ] ~ [j] ~ [ɲ] / # _ V [ɲ] ~ [j] / # _ V [dʒ] ~ [j] / V _ V [ɲ] ~ [j] / V _ V [ⁿ dʒ] / V _ V	/ ɲ / → [ɲ] / # _ V e / V _ V [dʒ] / # _ V [ⁿ dʒ] / V _ V [dʒ] ~ [j] / V _ V em sílaba átona [ɲ] ~ [j] / V _ V em sílaba átona
/ ŋ / → [ŋ] / # _ V [ŋ] ~ [g] / # _ V [ŋg] / V _ V [g] / V _ V	/ ŋ / → [ŋ] / # _ V e / V _ V [g] / # _ V e / V _ V [ŋg] / V _ V [ŋ ⁱ] / i _
/ ŋ ^w / → [ŋ ^w] ~ [g ^w] / # _ V [ŋ ^w] / # _ V e V _ V [g ^w] / V _ V [ŋg ^w] / V _ V	/ ŋ ^w / → [ŋ ^w] / # _ V e / V _ V [g ^w] / # _ V / e / V _ V [ŋg ^w] / V _ V

A diferença básica existente entre os fones nasais do Parintintin é que não há fones pós-nasalisados; este fato, entretanto, foi registrado no Uru-eu-uau-uau apenas em pessoas mais velhas, não tendo sido registrado entre os jovens; isto indica que tais realizações fonéticas podem estar caindo em desuso. Também percebe-se que os alofones oclusivos sonoros de / m / e / n /, respectivamente [b] e [d], não ocorrem no Parintintin.

3.3. Série dos fricativos e tepe

URU-EU-UAU-UAU	PARINTINTIN
/β/ → [β] ~ [w] / V__V → [β] ~ [w] / #__	/v/ → [v]
/h/ → [ø] ~ [h] / V__V → [h] n.d.a.	/h/ → [h] ~ [hʲ] / __i → [h] n.d.a.
/r/ → [r] / V__V	/r/ → [r]

Nesta série, o que parece ser uma diferença, em relação aos sons /β/ e /v/, na verdade, é apenas uma diferença na análise dos dados: Betts e Pease (1991) propõem como fonema o fricativo /v/ - para o Parintintin - classificado por elas como bilabial, muito embora a transcrição fonética de seus dados apresente [β] e não [v]. Na nossa análise é proposto como fonema - para o Uru-eu-uau-uau - o fricativo labial /β/. Não foi registrado nenhum dado com o lábio-dental /v/. Estas divergências de análise, porém, não são suficientes para comprometer a evidência de correspondências sonoras entre Uru-eu-uau-uau e Parintintin.

Abaixo, dispomos um quadro representativo do sistema fonológico que - na nossa análise preliminar - serve ao Parintintin (Tenharim) e ao Uru-eu-uau-uau (Amondava):

Consoantes

	Bilabial	Alveolar	Palato-alveolar	Velar	Lábio-velar	Glotal
Oclusivo	p	t		k	k ^w	ʔ
Nasal	m	n	ɲ	ŋ	ŋ ^w	
Fricativo	β					h
Africado			tʃ			
Tepe		r				

Vogais

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
Alta	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
Média	e	ẽ			o	õ
Baixa			a	ã		

Assim, com base na comparação dos fonemas e de suas realizações fonéticas, é possível afirmarmos que temos um único sistema fonológico para o Parintintin e Uru-eu-uau-uau, com pequenas diferenças na manifestação da fala. As diferenças percebidas nas realizações fonéticas de alguns destes fonemas é que daria, então, aos membros dos

grupos Uru-eu-uau-uau e Parintintin o respaldo para afirmarmos que ‘*são povos diferentes, que falam igual, mas suas línguas são diferentes*’. Isto parece paradoxal, porém não podemos esquecer-nos de que a língua é fator de identidade política de um povo. E os falantes de cada uma destas variedades linguísticas, o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau, seguem uma norma, ou seja, um conjunto de regras sob as quais cada falante realiza, na fala, seu sistema linguístico-comunicativo. Então, no plano fonológico, é possível afirmarmos que não estamos diante de línguas diferentes entre si, mas de variedades dialetais de uma única língua.

2. COMPARANDO O LÉXICO PARINTINTIN/TENHARIM E URU-EU-UAU-UAU/AMONDAVA

Para a comparação dos dados lexicais, utilizamos os princípios da Lexicoestatística.

A Lexicoestatística permite-nos comparar línguas sob duas perspectivas distintas: a diacrônica e a sincrônica. A perspectiva diacrônica trata da substituição de um elemento, por outro, na língua, no decorrer do tempo, enquanto que a sincrônica se preocupa com as relações entre eventos simultâneos. Para a perspectiva diacrônica o método melhor aplicável é o comparativo, que consiste em identificar correspondências entre um conjunto de fonemas que são derivados de um mesmo protofonema. Tais correspondências destinam-se a identificar palavras cognatas e reconstruir protoformas. Sob o ponto de vista sincrônico, melhor se aplica o método da inspeção, em que os cognatos são preferivelmente definidos com base na similaridade fonética, pois é ela que determina se uma palavra cognata será ou não compreendida por diferentes comunidades de fala.

Nosso estudo baseia-se na perspectiva sincrônica. Portanto, utilizamos o método de inspeção, tomando como base comparativa as similaridades fonéticas entre as palavras. Para eleger as formas cognatas, lançamos mão dos critérios propostos por Dutton (1977, *apud* Sanders 1986:34): duas formas são cognatas se seus sons diferem um do outro em não mais que um dos seguintes aspectos: a) para as consoantes - ponto e modo de articulação; b) para as vogais - altura e posição da língua. São ignoradas as diferenças menores, tais como a pré-nasalização e o ensurdecimento. A ausência de um som conta como uma diferença. Estes critérios, segundo Sanders (1986:35) são mais rigorosos do que simplesmente determinar formas similares sem se ter algumas regras como guia. Para computar o percentual de cognatos compartilhados, adotamos o seguinte procedimento: após organizar os conjuntos lexicais elicítados, constituídos de quatro palavras cada um, comparamos cada uma das palavras entre si, sempre tomadas de duas a duas. Foi utilizada, como lista básica, a já reconhecida “lista de Swadesh” de 100 palavras (cf. Ezrad 1988:55-59).

Os resultados da análise foram demonstrados em matrizes distintas, que representam a inspeção de similaridades fonéticas e a comparação das correspondências fonêmicas. As matrizes demonstrativas baseiam-se em cálculos matemáticos propostos por Deibler e Trefry (1963, *apud* Sanders, 1986:35): comparar a mesma palavra em

cada dialeto ou língua com a palavra correspondente em cada um dos outros dialetos ou línguas. O percentual de semelhança lexical entre cada par de língua ou dialeto é assim obtido: equivalência exata, 4 pontos; um fone (fonema) diferente, 3 pontos; dois fones (fonemas) diferentes, dois pontos; três ou mais fones (fonemas) diferentes, mas ainda cognatos, um ponto; não-cognatos, zero pontos. Em princípio, este método se aplica à inspeção entre a similaridade fonética; como, porém, utilizaremos também a comparação fonêmica, adotamo-lo para os dois casos, em nossa análise. Por uma questão de espaço, deixamos de mostrar, aqui, o quadro de pontuação das similaridades fonéticas; mostrando apenas o resultado dos cálculos.

Após realizada a somatória dos pontos de cada interseção, o percentual de léxico compartilhado é calculado. O valor mais alto na escala comparativa das similaridades fonéticas é igual a 4 (quatro) pontos e, se trabalhamos com uma lista de 100 (cem) conjuntos, o valor mais alto a ser conseguido será igual a 400 (quatrocentos) pontos, que é igual a cem por cento. Pode-se estabelecer, assim, como base de cálculo, a seguinte fórmula:

$$100 \% = 400$$

$$x \% = y \quad (\text{onde } y = \text{soma total dos pontos de cada interseção})$$

$$\text{logo } x \% = \frac{y \times 100}{400}$$

Assim, tivemos como resultado, a matriz de percentual lexical compartilhado:

	TEM	PAR	URU	AMO
TEM				
PAR	86%			
URU	75%	83.75%		
AMO	73.75%	77.75%	89%	

Nota-se que muito embora haja um pequeno distanciamento entre o Tenharim e o Uru-eu-uau-uau, Tenharim e Amondava e Parintintim e Amondava, respectivamente 75%, 73.75% e 77.75% - o que não atinge a variação de 80 a 85% preconizada pelos estudos comparativistas - esta diferença é sufocada pelas interseções entre Tenharim e Parintintim (86%), Parintintim e Uru-eu-uau-uau (83.75%) e Uru-eu-uau-uau e Amondava (89%). Poderíamos concluir, então, que, pelas similaridades fonéticas, estamos diante de variedades de uma única língua, sendo o Parintintim mais próximo do Tenharim e o Uru-eu-uau-uau mais próximo do Amondava.

Em seguida aplicamos o mesmo processo de cálculos na comparação entre os fonemas. Analisando as correspondências fonêmicas, chegamos à seguinte matriz:

	TEM	PAR	URU	AMO
TEM				
PAR	89.75%			
URU	80.5%	91.25%		
AMO	78.5%	85.75%	93.5%	

A comparação das correspondências fonêmicas mostra uma aproximação maior entre as variedades linguísticas analisadas. Na tabela abaixo, verifica-se este fato comparando-se os percentuais de similaridade fonética com os de similaridade fonêmica:

Interseção	Percentual de Similaridade Fonética	Percentual de Similaridade Fonêmica
TEN / PAR	86 %	89.75 %
TEN / URU	75 %	80.5 %
TEN / AMO	73.75 %	78.5 %
PAR / URU	83.75 %	91.25 %
PAR / AMO	77.75 %	85.75 %
URU / AMO	89 %	93.5 %

A comparação das correspondências fonêmicas, não só, de fato, nos dá uma aproximação maior entre as variedades analisadas, como também nos apresenta uma inversão nesta aproximação: o Parintintin é mais próximo do Uru-eu-uau-uau do que do Tenharim. Isto pode ser comprovado no quadro abaixo, onde vemos que a relação de similaridade fonética entre TEN/PAR (86%) é maior que PAR/URU (83,75%), porém é superada pela relação de correspondências fonêmicas entre PAR/URU (91,25%).

Interseção	Percentual de Similaridade Fonética	Percentual de Similaridade Fonêmica
TEN / AMO	73.75%	78.5%
TEN/ URU	75%	80.5%
PAR/ AMO	77.75%	85.75%
PAR / URU	83.75%	91.25%
TEN / PAR	86%	89.75 %
URU / AMO	89 %	93..5 %

Este fato não só vem fortalecer a nossa opção de trabalhar com a comparação das correspondências fonêmicas, como nos proporciona uma maior segurança em afirmarmos que estamos, de fato, diante de variedades de uma única língua e não de línguas diferentes entre si. Através da comparação de tais correspondências, pudemos atingir o percentual mínimo (80% a 85%) de semelhanças lexicais - preconizado pela lexicostatística - para a classificação de variedades de línguas. Prova-se, também, que a simples comparação de similaridades fonéticas pode mascarar os resultados da análise, pois os informantes, além da liberdade de escolha de vocabulário, possuem seus idioletos e idiossincrasias.

Assim, os resultados encontrados em relação aos dados lexicais Parintintin, Tenharim, Uru-eu-uau-uau e Amondava aqui analisados, confirmam a hipótese de que tratamos com variedades de uma única língua, e não com línguas diferentes entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa sincrônica entre os níveis fonológico e lexical do Parintintin e Uru-eu-uau-uau demonstra serem estas variedades de uma única língua.

Os resultados aqui apresentados estão, certamente, sujeitos a uma revisão em etapas posteriores desta pesquisa. Nesse sentido, a descrição de aspectos gramaticais do Uru-eu-uau-uau é de grande importância para que se possa proceder um estudo comparativo dos aspectos gramaticais já descritos no Parintintin.

No que tange a nossa comparação do sistema fonológico - que incluiu também uma descrição fonêmica preliminar do Uru-eu-uau-uau - limitamo-nos a comparar o inventário de fonemas e suas realizações fonéticas, não tratando de fatos como a sílaba e o acento. Isto supõe a continuidade no estudo descritivo da fonologia Uru-eu-uau-uau. Pudemos perceber, entretanto, que o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau compartilham de um mesmo sistema fonêmico, com pequenas diferenças nas realizações fonéticas de alguns fonemas, principalmente os nasais. Isto indica que um estudo aprofundado da nasalidade se faz necessário.

A comparação de itens lexicais, baseada no percentual de léxico compartilhado em uma lista básica de 100 palavras, dá-nos uma média de 80.875% de similaridade fonética consideradas as interseções entre Tenharim, Parintintin, Uru-eu-uau-uau e Amondava. Comparando as similaridades fonêmicas, esta média sobe para 86.375%.

Poderíamos dizer, então, que o pequeno percentual de diferenças fonéticas e as poucas diferenças lexicais se constituem como um elemento de identificação sócio-política dos índios Tenharim, Parintintin, Uru-eu-uau-uau e Amondava. É através destas diferenças que cada um deles se identifica como povo. E esta concepção lhes embasa a afirmativa de que falam línguas diferentes.

Os resultados a que chegamos, sob o ponto de vista da lingüística comparativa sincrônica, confirmam a hipótese de que o Parintintin e o Uru-eu-uau-uau se constituem numa única língua, ou seja, são variedades lingüísticas. Assim, acreditamos ser este um estudo - muito embora preliminar - que pode contribuir para com uma revisão na classificação interna das línguas do grupo Tupi-Kawahib.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, Harold B. and LINN, Michael. **Dialect and language variation**. London: Academic Press Inc., 1986.
- ANTILLA, Raimo. **An Introduction to historical and comparative linguistics**. London: Macmillan [s/d]
- BETTS, LaVera. **Dicionário Parintintin/Português Português/Parintintin**. Brasília: SILL, 1981.
- BETTS, LaVera and PEASE, Hellen. **Comments on Uru-eu-uau-uau**. Porto Velho: SIL, 1991. (inédito)
- _____. **Parintintin Phonology**. in: Tupi Studies I. Oklahoma: SIL, 1971.
- BOUQUIAUX, Luc et THOMAS, Jacqueline M.C. (eds.). **Enquête et description des langues à tradition orale**. Vol. II. Paris: SELAF, 1976.

- CARDOSO, Ma. Lúcia M. **Parecer antropológico sobre os limites territoriais da área indígena Uru-eu-uau-uau**. Porto Velho: FUNAI, 1989 (texto mimeografado)
- COSTA, Mário Arruda. **Uru-eu-uau-uau: Relato de uma expedição de (primeiros contatos)**. in: Anuário de Divulgação Científica. Vol 10. Goiás: Universidade Católica de Goiás, Instituto de Pré-História e Antropologia, p. 147-180, 1984.
- EZRAD, Bryan. A Basic Word for Papua New Guinea. in LOVING, Richard (ed). **Language variation and survey techniques**. Ukarumpa: SIL, 1985 : 45-74.
- _____. **Tututube's Place Among the Milne Bay Province Languages: A Synchronic Study**. in LOVING, Richard (ed). **Language variation and survey techniques**. Ukarumpa: SIL, 1985 : 135-154.
- GIRALDO, José J. M. **Dialectología general e hispano-americana: orientación teórico, metodológica y bibliográfica**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo LXXIX., 1987.
- KINDELL, Glória E. **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: SIL, 1977.
- LAVER, John. **Principles of phonetics**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (1955). **Tristes Trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MEIRELES, Denise Mald. **Guardiães da Fronteira: Rio Guaporé Século XVIII**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MELATTI, Júlio César (1938). **Índios do Brasil**. 7a. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MENENDEZ, Miguel. **Os Kawahiwa: uma contribuição para o estudo dos Tupi centrais**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) São Paulo: USP, 1989.
- _____. **Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós- Madeira**. in: Revista de Antropologia. Separata dos vols. XXVII e XXVIII. São Paulo, 1984/1985.
- _____. **Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira**. in: Revista do Museu Paulista. Separata do vol. XXVIII. São Paulo: USP, 1981/1982.
- NETTO, Waldemar e MORAES, Marcelo J. **Descrição preliminar da língua Uru-eu-uau-uau: subgrupo Mondawa**. São Paulo: USP, 1995, 10p. (texto mimeografado)
- NIMUENDAJU, Curt (1925). **As tribus do alto Madeira**. Journal Societé des Americanistes de Paris, 17: 137 - 172.
- PAYNE, David L. **A Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions**. SIL, 1991.
- PEASE, Hellen. **Parintintin (Tenharim): Histórias de Kairana**. Porto Velho: SIL, 1976, 14 p. (texto mimeografado)
- _____. **Repetições em Tenharim (Parintintin): Narrativa**. Porto Velho: SIL, 1977, 18 p. (texto mimeografado)
- PICKET, Velma e ELSON, Benjamin. **Introdução à Morfologia e à Sintaxe**. 2a.ed.Trad. Aryon Rodrigues at al.. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PIKE, Kenneth L. (1947). **Phonemics: a technic for reducing languages to Writing**. 12a. ed. USA: University of Michigan Press. 1971.
- _____. (1943) **Phonetics: a critical analysis of a phonetic theory and a technic for the practical description of sounds**. 17a. ed. USA: University of Michigan Press, 1961.

- RECTOR, Mônica (org.) et al. **Questionário básico de trabalho de campo linguístico**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.
- RODRIGUES, Aryon. **Morfologia do Verbo Tupi**. in: Separata de "Letras" no. 1. Curitiba, 1953.
- _____. (1985) **Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.
- RUHLEN, Merrit (1990). **An Overview of Genetic Classification**. In: The Evolution of Human Languages, SFI Studies in the Sciences of Complexity, Proc. Vol. X, Eds. J.A. Hawkins and M. Gell-Mann. Adson Wesley, 1990.
- SAMPAIO, Wany e SILVA, Vera. **Estudo morfológico do sistema verbal da língua Uru-eu-uau-uau**. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1996, 29 p. (relatório)
- SAMPAIO, Wany e ASSUNÇÃO, Giselle. **Estudo do sistema pronominal da língua Uru-eu-uau-uau**. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1996, 34 p. (relatório)
- _____. **Levantamento de dados linguísticos e culturais do povo Amondava**. Porto Velho: PIBIC/UNIR-CNPq. Junho/1995, 81 p. (relatório)
- SANDERS, Arden G. **Guidelines for Conducting a Lexicostatistic Survey in Papua New Guinea**. In: LOVING, Richard (ed). Language variation and survey techniques. Ukarumpa: SIL, 1985 : 21-41.
- SHEVOROSHIKIN (1989). **Methods in Interphyletic Comparisn**. In: Ural-Altaiic Yearbook 61. Ann Arbor, Michigan.
- SIMONS, Gary. **Recognizing Patterns of Divergence and Convergence in a Matrix of Lexicostatistic Relations**. In LOVING, Richard (ed). Language variation and survey techniques. Ukarumpa: SIL, 1985: 45-74.
- WETZELZ, Leo. **A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras**. In: Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- WIESEMANN, Úrsula. **Guia de Análise Gramatical**. Petrópolis: Vozes, 1979.